

# História oral e ensino de história local: confluências teóricas para uma possível prática pedagógica

*Érica Souza Ramos\**

*Rita de Cássia Grecco dos Santos\*\**

## Resumo

O presente estudo tem o intuito de estabelecer linhas de confluências a partir das reflexões teóricas acerca do ensino de história local e a história oral. Vislumbra-se nesta metodologia um potencial para servir ao ensino de história local como prática pedagógica nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Visando aproximar o conteúdo com o cotidiano dos educandos, proporcionar momentos de pesquisa através do ensino. Nesta pesquisa são apresentados aspectos de como o ensino de história vem se constituindo ao longo do tempo e os caminhos da história oral na historiografia. A partir do enfoque utilizado foi possível perceber que as confluências teóricas entre estes dois campos, é promissora.

**Palavras-chave:** Ensino de História; História Local; História Oral; Memória, Prática Pedagógica.

## Abstract

The present study aims to establish lines of confluences based on theoretical reflections on the teaching of local history and oral history. This methodology has the potential to serve the teaching of local history as a pedagogical practice in the Early Years of Elementary School. Aiming to bring the content closer to the daily life of the students, provide moments of research through teaching. In this research, aspects of how the teaching of history has been constituted over time and the paths of oral history in historiogra-

---

\* Mestra em História pelo Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em História da Universidade Federal do Rio Grande – PPGH/FURG. Professora dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, na rede Estadual de Educação do Estado de Santa Catarina/SC. Rio Grande/RS. E-mail: erica-souzaramos@hotmail.com

\*\* Doutora em Educação. Professora Associada do Instituto de Educação - IE e do PPGH/FURG, Rio Grande/RS. E-mail: ritagrecco@yahoo.com.br

phy are presented. From the approach used, it was possible to perceive that the theoretical confluences between these two fields are promising.

**Keywords:** History Teaching; Local History; Oral History; Memory; Pedagogical Practice.

## Introdução

Durante muito tempo o ensino de história ficou abarcado nos confins do positivismo, os esforços dos historiadores para alçar a história como ciência, se fez refletir no ensino. Esta visão positivista de fazer história atrelada à história política e oficial perdura ao longo do tempo, transposta nos conteúdos escolares de história, presente nos esquemas cronológicos do tempo histórico pautado nos grandes acontecimentos, e nos “heróis” da pátria. A história então foi incumbida como disciplina escolar de formar cidadãos nacionalistas, com seus conteúdos baseados nos interesses políticos.

Com a Escola dos *Annales*, que eclode na França no século XIX, um novo horizonte começa a aparecer aos olhos dos historiadores, quebrando paradigmas dentro da historiografia. A História Cultural entrando em cena na chamada terceira geração da Escola dos *Annales*, até a contemporaneidade, permitiu a aproximação do campo histórico com o antropológico, o que possibilitou e, vêm legitimando, interpretações culturais da experiência histórica e humana (Burke, 2011). Neste caso, os historiadores começam a recorrer a diferenciados métodos de pesquisa e a novas fontes como “[...] a memória oral, as lendas e mitos, os objetos materiais, as construções e entre outras.” (Bittencourt, 2011, p. 149). Neste sentido, a História Cultural da rumo a novas projeções ao ver e fazer história, seus objetos e suas fontes, o que reverbera no ensino, nos currículos escolares e nas práticas pedagógicas.

Para tanto, o presente artigo tem o intento de estabelecer confluências teóricas possíveis entre a história oral e o ensino de história local. Sem a intenção de esgotar o assunto, a fim de servir de subsídio para pesquisas futuras, na busca por uma proposta inicial para a aplicação da história oral como prática pedagógica. Convém destacar, que estando como professora dos Anos Iniciais do Ensino

Fundamental, na rede Estadual de Educação do Estado de Santa Catarina, esta pesquisa permite vislumbrar práticas pedagógicas diversificadas que contribuam para a construção do conhecimento histórico de forma significativa, além disso, possibilitando ir para além do conteúdo histórico, pois possui caráter interdisciplinar, podendo ser problematizadas questões referentes ao ensino de português, geografia, mudanças climáticas, ciências, arte, música, educação física. O que pode trazer um novo paradigma para o ensino nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, pois a história oral é uma metodologia que tem em suas narrativas uma riqueza de detalhes, ampliando os olhares e as possibilidades de ensino e aprendizagem.

Para isso torna-se relevante saber que no Brasil, o ensino de história começa a ser desenvolvido no século XIX, baseado em uma formação curricular europeia e tendo como eixo central a formação da identidade nacional, no período pós-independência. Apesar das significativas mudanças no ensino, ainda é possível perceber os resquícios desta matriz eurocêntrica no currículo escolar, “orientado por uma política nacionalista e desenvolvimentista.” (Brasil, 1998, p.19) Observa-se que um dos principais desafios para ensino da história local e regional é que o ensino de história no Brasil por muito tempo esteve marcado pela visão eurocêntrica, o conteúdo de história estava:

Em uma perspectiva europeia, ainda centrada na ideologia civilizatória defendida no processo de neocolonialismo do século XIX, o ensino de História colocava os colonizadores europeus em um papel de destaque no processo de desenvolvimento do Brasil enquanto parte do continente americano e, principalmente, em industrialização nas primeiras décadas do século XX. Em um contexto pós Primeira Guerra Mundial, esse tipo de ensino de História justificava e legitimava o papel dos países vencedores enquanto civilizadores. Esse modelo de ensino da História influenciou toda a produção, não apenas nas salas de aula, mas também nas pesquisas (Matos, 2013, p. 48)

A autora deixa claro que o ensino de história do Brasil neste período se perfaz sobrepondo os feitos da Europa Ocidental as outras manifestações, os conteúdos possuíam “[...] caráter euro-

cêntrico, com um repertório de heróis e seus feitos, reis, rainhas e acontecimentos militares” (Noronha, 2007, p.4). Assim é de suma importância compreender como se dá o contexto do ensino de história ao longo do tempo, suas finalidades e alternâncias. Observa-se que vem ocorrendo uma mudança lenta e gradual nas maneiras de pensar a História:

Essa perspectiva de ensinar História já não é mais a mesma. Os objetivos, as finalidades educativas, os currículos prescritos, os livros didáticos e a formação do professor se modificaram. Estamos vivenciando, desde as últimas décadas do século XX, um movimento de se repensar a História, as metodologias e as práticas de ensino. Entretanto, quando se tratam das questões relativas à história local e às relações do local com o global, muitas dificuldades, dúvidas e problemas permanecem (Fonseca, 2006, p. 125).

Mesmo com as ampliações dos olhares, a história local acaba a margem enfrentando paradigmas e dificuldades ao estabelecer relações com as escalas da história nacional e global. Pois,

Inicialmente, a inclusão da constituição da identidade social nas propostas educacionais para o ensino de História necessita um tratamento capaz de situar a relação entre o particular e o geral, quer se trate do indivíduo, sua ação e seu papel na sua localidade e cultura, quer se trate das relações entre a localidade específica, a sociedade nacional e o mundo (Brasil, 1997, p. 26).

Deste modo compreende-se que partes destas problemáticas enfrentadas pelo local frente ao global podem ser consecutivas de uma história vista como uma disciplina no currículo escolar introduzida com base nos moldes franceses, glorificando os grandes personagens da história, o que contribui para o distanciamento do cotidiano dos alunos e a história, pois “Desde sua constituição no século XIX, a História tem sido pensada como mecanismo de legitimação cultural e servido à formação de pensamentos e ações de determinada ideologia.” (Noronha, 2007, p. 5). Então para melhor entender este processo da história como disciplina escolar:

A História como área escolar obrigatória surgiu com a criação do Colégio Pedro II, em 1837, dentro de um programa inspirado no modelo francês. Predominavam os estudos literários voltados para um ensino clássico e humanístico e destinados à formação de cidadãos proprietários e escravistas (Brasil, 1998, p.19).

Observa-se que o ensino, o conteúdo, estavam voltados para as camadas mais favorecidas, o que ainda na atualidade ainda existam reflexos destas linhas de pensamentos. Normalmente é por interesses políticos ideológicos que o ensino de história sofre mudanças referentes ao seu currículo escolar. Neste intento vale ressaltar que na América Latina a história se preocupou em forjar as identidades nacionais dos estados. Conceição e Dias elucidam que,

Sabe-se que a instituição escolar estruturou tradicionalmente o ensino de História com base na matriz nacionalista do século XIX, cujo objetivo era formar ‘brasileiros’, ‘argentinos’ ou ‘chilenos’ para a nova sociedade nacional que estava forjando os Estados modernos. Apesar de todas as mudanças sofridas pela disciplina ao longo do tempo, o ensino de História permanece como o espaço no qual as sociedades disputam as memórias possíveis sobre si mesmas e projetam futuros coletivos (Conceição; Dias, 2011, p. 1740).

O que no Brasil não foi diferente, e é possível perceber que traços desta linguagem histórica ainda estão arraigados no ensino escolar. No período que compreende a ditadura militar no Brasil, o ensino de história também acaba sendo sufocado pelos interesses políticos, deste modo:

O ensino de História na educação básica brasileira foi objeto de intenso debate, lutas políticas e teóricas no contexto de resistências a política educacional da ditadura civil-militar brasileira (1964-1984). Isso significou refletir sobre o estado do conhecimento histórico e do debate pedagógico, bem como combater a disciplina “Estudos Sociais” e a desvalorização da História, os currículos fragmentados, a formação de professores em Licenciaturas Curtas e os conteúdos dos livros didáticos difundidos naquele momento, processo articulado as lutas contra as políticas de precarização da profissão docente (SILVA; FONSECA, 2010, p.13).

Observa-se a preocupação dos autores no que se refere à formação dos professores, a problemática das licenciaturas curtas e a precarização da profissão docente. Se tratando dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, o desafio é que os professores não tem sua formação inicial em história são pedagogos e pedagogas, por isso se faz recorrente pensar no conhecimento histórico nesta etapa da Educação Básica, pois, todavia:

O conhecimento nessa etapa dos anos iniciais depende muito da forma como o professor trabalha esse ensino da disciplina história, vale ressaltar que este é ministrado por pedagogos que são formados em área geral de ensino [...] (Perreira; Bianchezzi, 2015, p. 101).

Então como fazem os professores dos Anos Iniciais para ensinar a história local? Diante de tal premissa é que se vê na história oral uma metodologia que pode servir ao ensino, vista como uma prática pedagógica para o ensino. Pois a história local no sistema de ensino é um conteúdo jovem no currículo escolar, talvez por conta disso careça de materiais e procedimentos metodológicos para que seja ensinado e apreendido em sala da aula de forma concisa.

## A história local entre práticas e saberes no processo ensino e aprendizagem

A história local deve superar a abordagem informativa da história, para isso é essencial trabalhar com o meio onde vivem os alunos, permitindo trabalhar e problematizar no ensino fundamental diversos processos de transformações sociais, culturais e econômicas locais. Trabalhar o conteúdo com o que está próximo permite que em um movimento cognitivo o educando possa desenvolver noções de tempo e espaço, que podem ser percebidos em seu espaço habitual e nas atividades cotidianas.

A história local torna possível que os educandos possam se perceber e se posicionar como sujeitos históricos e agentes formadores dos processos históricos locais. Ademais fornece subsídios para abordar tanto o local como o global, podendo servir como

meio para se estabelecer relações dos processos históricos locais com os de diferentes lugares e em tempos diferentes. Posto isso se torna relevante uma breve reflexão sobre o desenvolvimento da história local no processo de ensino e aprendizagem, para tanto:

No final da década de 1990 o interesse pela História Local no ensino cresceu sob influência dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), elaborado pelo Ministério da Educação. A diretriz nacional curricular toma a História Local como um dos eixos temáticos dos conteúdos nos anos iniciais do ensino fundamental e como metodologia de ensino nos outros anos da escola básica (Germinari, 2014, p. 357).

Neste sentido, as práticas de ensino de história e os conteúdos programáticos sofrem mudanças significativas no que se refere à história local. Pesquisadores e professores reúnem esforços, no percurso do tempo, tendo em vista que:

Muitas vezes no ensino fundamental, em particular na escola primária, a História tem permanecido distante dos interesses do aluno, presa às fórmulas prontas do discurso dos livros didáticos ou relegada a práticas esporádicas determinadas pelo calendário cívico (Brasil, 1997, p. 25).

Para que o ensino de história não fique centrado na mentalidade eurocêntrica e sim consiga realizar os mecanismos de ensino e aprendizagens condizentes com a realidade do ambiente escolar, em especial a dos educandos, é essencial que estes se sintam sujeitos formadores de sua própria história, para tanto:

Os historiadores transitam em torno da Nova, da Nova História Cultural (na qual a micro-história se insere enquanto prática) e pensadores da pós-modernidade, ao questionarem os limites epistemológicos do iluminismo e valorizaram interpretações que incorporam parâmetros retirados da hermenêutica, são responsáveis, em muito, por alguns princípios que norteiam as novas abordagens da história local (Fagundes, 2006, p.93).

Mesmo assim durante muito tempo o ensino de história no Brasil recai ao descuido de ser relacionado a uma matéria “chata”,

com referente acúmulo de informações e memorizações, o que torna o conhecimento superficial, e desconecta com a realidade do aluno. A autora Selva Guimarães Fonseca (2006) elenca dificuldades recorrentes ao ensino de história local, dentre estas estão: a fragmentação rígida dos espaços e tempos; a centralidade do estudo nos aspectos políticos da cidade, culto aos grandes vultos da história local; as fontes disponíveis para uso na sala de aula em sua maioria são oficiais ligadas as prefeituras, que evidenciam uma memória da elite local (FONSECA, 2006, p.128).

Ainda se pressupõe que o material didático de história esteja carregado destas significações, e se tratando de história local talvez este tema não se faça presente, aliás são destacados os heróis de certo espaço e tempo, mas é a “gente como a gente”? Para tanto, “A opção pela História Local tem como proposta desenvolver a noção de pertencimento do aluno a um determinado grupo social e cultural, por meio, do estudo da diversidade dos modos de viver no presente e no passado da localidade” (Germinari, 2014, p. 357). A história local não deve seguir a dinâmica da história nacional, em que “A parte relevante desse conteúdo é apresentada sob a forma de culto aos sujeitos históricos, de glorificação dos atos individuais, portanto, uma história personalista que enfatiza determinadas datas, personalidades e fatos isolados de patriotismo.” (Barbosa, 2006 p. 58).

Contudo no mundo globalizado, é indispensável que seja possível buscar interações e sinergias entre as diferentes disciplinas, aproximando o conteúdo da prática, buscando novas formas educativas que possam ser desenvolvidas dentro e fora da escola, propiciando a aprendizagem e a sociabilização do conteúdo.

Para que possamos compreender de que forma se dá o processo do conhecimento histórico para a transposição didática em sala de aula e ver na história oral um instrumento de ensino e aprendizagem para história local, é de suma importância as análises de Rüsen (2015), em relação à matriz do pensamento histórico. Ele apresenta cinco fatores que compreendem o processo de formação do pensamento histórico:

O pensamento histórico é disparado pelas *carências de orientação*. Em seguida, ele transforma essas carências, no processo de sua satisfação mental, em perspectiva acerca da experiência do passado – em uma *perspectiva de interpretação*. Nesta perspectiva são inseridos, então, metodicamente, *conteúdos experienciais* concretos. O saber acerca do que aconteceu no passado, assim obtido, torna-se representação do passado em *forma historiográfica* (Rüsen, 2015, p. 74).

Estes cinco caminhos cognitivos proposto por Rüsen, nos leva ao saber histórico a partir das divergências temporais, estas que devem ser compreendidas e experienciadas na aprendizagem histórica. As diferenças temporais serão apreendidas a partir da carência de orientação onde o “[...] conhecimento transforma as carências históricas de orientação em interesses do conhecimento” (Rüsen, 2015, p. 75).

Neste sentido, o autor não nega a crítica ao distanciamento que o pensamento histórico científico especializado toma em relação às carências de orientação e a vida prática. E neste ponto em que a história oral e o ensino de história estabelecem uma linha tênue, à medida que a carência de orientação começa a ser trabalhada e a partir de indagações, instigando os educandos e gerando novas expectativas para a aprendizagem histórica.

Dentre os cinco fatores a narratividade é de suma importância para perceber a projeção cognitiva que o educando tem em relação a determinado conteúdo histórico. Doravante lembra-se que a centralidade da narrativa não se dá pela sua totalidade factual ou por um modelo interpretativo, mas sim em poder relacionar passado, presente e futuro.

Neste intento, as narrativas só podem ser compreendidas (quando apropriadas pelos professores) e elaboradas (educandos), quando fazem sentido para a orientação cultural “da vida humana prática” (Rüsen, 2015, p. 81).

As narrativas só farão sentido se manterem uma relação intrínseca com a vida prática e a partir da tomada de consciência de sujeito histórico dos indivíduos, podendo se enxergar no processo histórico. Neste caso torna-se relevante a consciência histórica que

é a “[...] realidade a partir da qual se pode entender o que a história é, como ciência, e por que ela é necessária” (Rüsen, 2001, p. 56) O autor expõe que a consciência histórica tem que fazer sentido na vida prática do ser, por isso acredita-se que a partir da tomada de consciência nas aulas de história será possível o aluno desenvolver processos cognitivos que o leve a compreender por que estudamos história e qual seu papel na sua vida no decurso do tempo, possibilitando “se enxergar na história” e valorizá-la.

É este o caso quando se entende por consciência histórica a suma das operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência da evolução temporal de seu mundo e de si mesmos, de forma tal que possam orientar intencionalmente sua vida prática no tempo (Rüsen, 2001, p. 57).

Assim a consciência histórica possibilita a reflexão da história da cidade sobre o cotidiano e a realidade. A partir deste breve recorte das contribuições teóricas do autor, e que se tenta compreender o processo cognitivo que perpassa o ensino histórico. Agora pretende-se refletir sobre o campo da história oral na tentativa de buscar sinergias teóricas desta metodologia tendo em vista sua aplicabilidade no ensino de história local, por isso é conveniente destacar a importância do contato dos alunos com elementos da pesquisa histórica, que na maioria das vezes não ultrapassam os muros da academia e que são de grande importância para a constituição do saber histórico escolar. Entende-se que as:

Intervenções pedagógicas específicas, baseadas no trabalho de pesquisa histórica, provocam significativas mudanças nas compreensões das crianças pequenas sobre quem escreve a História. Por exemplo: passam a considerar a diversidade de fontes para obtenção de informações sobre o passado, discernindo sobre o fato de que épocas precedentes deixaram, intencionalmente ou não, indícios de sua passagem que foram descobertos e conservados pelas coletividades. Podem compreender que os diferentes registros são fontes de informação para se conhecer o passado (Brasil, 1997, p.39).

Partindo desta consideração e prevendo a aplicabilidade da história oral ao ensino é pertinente falarmos sobre a epistemologia da história oral. Deve-se salientar novamente as mudanças significativas no campo da história, com a geração de historiadores da *Ecole des Annales*. Segundo Marieta de Moraes Ferreira (1998), esta nova geração de historiadores passou a questionar a hegemonia da história política, este grupo passa a defender,

[...] uma nova concepção, em que o econômico e o social ocupavam lugar privilegiado. Esta nova história sustentava que as estruturas duráveis são mais reais e determinantes do que os acidentes de conjuntura (Ferreira, 1998, p.2).

Neste contexto observa-se que esta “nova história” que vem a tona procura sentido nas conjunturas que levaram a determinado fato histórico a se desencadear e não no fato em si. Neste caminho esta escola histórica também jogou luz aos estudos para a história do tempo presente e assim a metodologia história oral para estes estudos torna-se relevante. Mesmo assim muitos embates historiográficos entorno das fontes orais utilizadas por esta metodologia persistiram. Pois na utilização das fontes de pesquisa, não se valorizou as fontes orais, continuou a se utilizar de documentos escritos e oficiais,

O século XX manteve o estigma de objeto de estudo problemático, e a legitimidade de sua abordagem pela história foi constantemente questionada. A impossibilidade de recuo no tempo, aliada à dificuldade de apreciar a importância e a dimensão a longo prazo dos fenômenos, bem como o risco de cair no puro relato jornalístico, foram mais uma vez colocados como empecilhos para a história do século XX (Ferreira, 1998, p.3).

Estudos do tempo presente eram considerados “ser matéria das ciências sociais em geral, mas não da história. Com isso, a história do século XX tornou-se uma história sem historiadores.” (Ferreira, 1998, p.3). A medida em que as fontes orais não eram valorizadas no campo da história neste momento se desqualifica-se o uso de relatos pessoais e de histórias de vida. Em contraponto

estão os estudiosos que valorizam esta subjetividade questionada, em que podem ser revelados novos signos, tendo aí a possibilidade de novos cursos para a pesquisa científica. Michael Pollak (1992) esclarece que,

Para mim não há diferença fundamental entre fonte escrita e fonte oral. A crítica da fonte, tal como todo historiador aprende a fazer, deve, a meu ver, ser aplicada a fontes de tudo quanto é tipo. Desse ponto de vista, a fonte oral é exatamente comparável à fonte escrita. (Pollak, 1992, p.207).

Para tanto na segunda metade do século XX, engendra um período onde é concebida a voz ao outro, em que a história oral:

[...] permite acesso à experiência não documentada – inclusive as vidas de líderes e ainda não escreveram suas autobiografias – e, mais importante, às ‘histórias ocultas’ dos marginalizados: trabalhadores, mulheres, indígenas, minorias étnicas e membros de outros grupos oprimidos, ou excluídos (THOMSON, 2000, 51).

O uso das fontes orais, para o ensino de história local pode servir como um instrumento de aproximação entre o aluno e as histórias e memórias do espaço em que vive, pois:

As entrevistas de história oral também permitem explorar aspectos da experiência histórica que raramente são registrados, tais como relações pessoais, vida doméstica e a natureza de organizações clandestinas (Thomson, 2006, p.51).

Nos registros oficiais raramente estão presentes estes agentes por conta disso é que a história oral permite contrapor a história oficial. Philippe Joutard colabora quando compreende que:

É através do oral que se pode apreender com mais clareza as verdadeiras razões de uma decisão; que se descobre o valor de malhas tão eficientes quanto as estruturas oficialmente reconhecidas e visíveis; que se penetra no mundo do imaginário e do simbólico, que é tanto motor e criador da história quanto o universo racional (2000, p. 34).

É no cerne da história oral que está à possibilidade de diálogo do conteúdo com o cotidiano, do passado com o presente e suas projeções para o futuro. Contudo torna-se pertinente a conceituação de memória por Jacques Le Goff, pois a memória alimenta a história:

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (1990, p.424).

A memória permite a rememoração do passado no presente, além do mais, traz sentidos as representações que são preservadas e consideradas tradicionais. Maurice Halbwacs, elucida que para a construção de uma memória coletiva, “Não é suficiente reconstituir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança.” (HALBWACS, 1990, p.22). É relevante que se trace uma lembrança comum entre os indivíduos,

É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade (Halbwacs, 1990, p. 22).

A partir da história oral é possível se pensar em ensinar a história local associando-a ao cotidiano e as vivências presentes com o passado. Todavia a memória pode servir como meio para manter um diálogo entre o vivido e o ensinado, permitindo assim a compreensão do mundo a sua volta, tanto aos alunos quanto aos professores, tendo como base as vivências cotidianas a partir das memórias, na construção cognitiva do conhecimento histórico.

O ensino de História possui objetivos específicos, sendo um dos mais relevantes o que se relaciona à constituição da noção de identidade. Assim, é primordial que o ensino de História estabeleça relações entre identidades individuais, sociais e coletivas, entre as quais as que se constituem como nacionais (Brasil, 1997, p. 26).

Neste sentido, acredita-se que quando a história oral for aplicada como uma metodologia nos espaços escolares poderá assumir a função de prática pedagógica para o ensino de história local nas series iniciais, que permite chegar às memórias constituindo o pertencimento histórico e indenitário, neste caso podemos pensar:

Do ponto de vista de uma proposta pedagógica, podemos construir uma “pedagogia de memória” que faça frente aos problemas de identidade, pertencimento, pluralidade cultural, étnica e religiosa e exclusão social que marcam as nossas escolas. Nesse sentido, a história local pode ter um papel decisivo na construção de memórias que se poderão inscrever no tempo longo, médio ou curto, favorecendo uma melhor relação dos alunos com a multiplicidade da duração (Fonseca, 2006, p. 132).

A fim de trazer à tona os esquecimentos rememorando o passado, buscando trabalhar com as perturbações e amnésias de forma que estas venham a elucidar os fatos ocorridos, tendo em vista que a formação de uma memória grupal, “a memória coletiva, é uma corrente de pensamento contínua, com limites irregulares e coexistente com outras memórias coletivas” (Oliveira, 2010, p. 132).

## A memória coletiva no processo de ensino e aprendizagem da história local

A história local tem por excelência a possibilidade de fazer das pessoas comuns parte da história, e o que é de importância à medida que é a partir do local que o educando vai constituir a sua identidade. E como fazer com que o educando se identifique e sintase pertencente aos processos históricos locais? Para isso, o trabalho com a memória coletiva em sala de aula torna-se um elemento fundamental, na medida em que o presentismo vem tomando conta da sociedade, cada vez mais o passado fica distante da realidade dos educandos. A memória torna-se um importante elo entre o passado e o presente, para uma história do tempo presente, que pode servir para tornar a história local mais próxima da realidade dos alunos, o que pode revelar um novo significado para a história e sentido ao pertencimento local.

Partindo deste princípio é que se acredita que a memória coletiva, como construção social, tem relação com a identidade cultural, elementos de grande relevância para o ensino de história local, pois, “A questão da memória impõe-se por ser a base da identidade, e é pela memória que se chega à história local” (Bittencourt, 2011, p.169). Para isso ao pensar nos sentidos do local e do cotidiano Fonseca elucida que:

O local e o cotidiano da criança e do jovem constituem e são constitutivos de importantes dimensões do viver; logo podem ser problematizados, tematizados e explorados no dia-a-dia da sala de aula, com criatividade, a partir de diferentes situações, fontes e linguagens. [...] A memória das pessoas, da localidade, dos trabalhos, das profissões, das festas, dos costumes, da cultura, das práticas políticas, está viva entre nós. Nós, professores, temos o papel de juntos com os alunos, auscultarmos o pulsar da comunidade, registrá-lo, produzir reflexões e transmiti-lo a outros. A escola e as aulas de História são lugares de memória, da história recente, imediata e distante (2006, p.132).

É neste contexto que a história oral como metodologia nos brinda com sua capacidade de ter acesso à memória dos indivíduos, é definida como “um conjunto de procedimentos que se iniciam com a elaboração de um projeto e que continua com a definição de um grupo de pessoas a serem entrevistadas” (Meihy; Ribeiro, 2011, p.12), alcançando a representação do passado por traz das simbologias carregadas nas narrativas. Sendo assim Meihy e Ribeiro (2011) afirmam que: “No ‘tempo presente’, trabalhos com entrevistas ou com a memória viva, oral, são alternativas para o entendimento da dinâmica social e para o trabalho de consciência dos cidadãos.” (Meihy; Ribeiro, 2011, p. 46).

No entanto, “O professor desempenha o papel de coordenador, o gestor das ações educativas, o mediador capaz de repensar, religar pesquisa e ensino, saberes e práticas” (FONSECA, 2006, p. 137). Para isso é interessante que seja proposto que cada educando entreviste uma pessoa de mais idade de seu bairro, o roteiro da entrevista com as perguntas deve ser montado em conjunto em sala

de aula, para que sejam trazidos os registros para serem apresentados e discutidos em sala.

Os depoimentos então recolhidos nas entrevistas vão permitir que o aluno construa sua própria narrativa histórica sobre o que puderam desvendar sobre a história do seu bairro e cidade, percebendo processos de transformações sociais do espaço no tempo. O que permite perceber as alternâncias e permanências ao longo do tempo, nos modos de vida, trabalho, vida escolar e etc. O que se faz fundamental a compreensão da relação do eu e nós e os outros de tempos e espaços diferentes.

O conhecimento do “outro” possibilita, especialmente, aumentar o conhecimento do estudante sobre si mesmo, à medida que conhece outras formas de viver, as diferentes histórias vividas pelas diversas culturas, de tempos e espaços diferentes. Conhecer o “outro” e o “nós” significa comparar situações e estabelecer relações e, nesse processo comparativo e relacional, o conhecimento do aluno sobre si mesmo, sobre seu grupo, sobre sua região e seu país aumenta consideravelmente (Brasil, 1997, p. 27).

A história oral como prática pedagógica permite que o aluno possa perceber o outro e assim se colocar frente ao outro e pensar então em nós. Cabe salientar que para esta proposta “não existe uma única ‘maneira certa’ de entrevistar, e a maneira que o ‘bom senso’ indica como ‘certa’ para entrevistas com membros da elite política branca do sexo masculino pode ser completamente inadequada em outros contextos culturais” (Thomson, 2000, p. 48).

Então sendo o espaço escolar um lugar múltiplo, deve se ter em vistas as diferentes situações sociais em sala de aula, para isso Thomson (2000), ao relatar sobre o caso dos historiadores orais namibianos, destaca que eles recebem a orientação de usar lápis e papel para registrar suas entrevistas visto que, não são todos que tem condições para ter um gravador ou vídeo gravadoras. O que também vale para a aplicabilidade desta metodologia em sala de aula.

Diante do exposto, percebe-se a história oral trabalha com elementos, como memória, identidade, cotidiano, transformações

sociais, entre outros. Aos quais podem contribuir para o ensino de história à medida que vão de encontro aos objetivos e finalidades das propostas para esta área do saber escolar. A história oral torna-se fundamental à medida que possibilita que partam das crianças as percepções do lugar onde elas vivem, e o educador poderá trabalhar com estes elementos, e a partir destes problematizar o mundo.

## Considerações Finais

As reflexões teóricas sobre o ensino de história local permitem que sejam percebidas certas problemáticas no entorno do ensino e aprendizagem para histórica local que desafia os professores. Para tanto, o material didático, a formação de professores, o conteúdo eurocêntrico, o distanciamento do local e global, são problemáticas que levaram a pensar em uma prática pedagógica para o ensino de história local. Para isso, em contra partida no que tange estudos sobre história oral pode-se enxergar nesta metodologia um possível instrumento facilitador de ensino e aprendizagem histórica, o que não descarta as diversas formas de se trabalhar a história local, como o uso de fotografias, filmes, jornais e documentos, turismo, tendo o sentido de complementar estas práticas.

Conclui-se que é a partir da história oral, que as memórias em forma de narrativas servirão de insumo para a construção do conhecimento histórico local. Além disso, a história oral permite o contato dos educandos com novas interpretações históricas que envolvem noções de investigação, pesquisa e produção do saber, levando a formação da consciência histórica, e que cada um possa se enxergar na história, se sentido um agente histórico do seu tempo.

Podendo revelar uma história para além dos livros, pois verão que a história não é estática está viva nas memórias dos cidadãos. Neste caso o contato com a memória dos entrevistados através do trabalho com entrevistas aproximará o educando de um passado distante e oficial para o cotidiano, despertar o sentimento de pertencimento para sua própria história e identidade.

## Referências

BARBOSA, Vilma de Lurdes. Ensino de história local: redescobrimo sentidos. **SEACULUM – Revista de História**. p. 57- 85. João Pessoa, Jul./ dez. de 2016. Disponível em:<<http://www.biblionline.ufpb.br/ojs/index.php/srh/article/viewFile/11357/6471>> Acesso em: 06/06/2017.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história**: fundamentos e métodos. 4ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: BURKE, Peter (Org), **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: história. Brasília: MEC/SEF, 1998.

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais** : história, geografia. Brasília : MEC/SEF, 1997.

CONCEIÇÃO, Juliana Pirola da. DIAS, Maria de Fátima Sabino. Ensino de História e consciência histórica latino-americana. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v.31, nº 62, p. 173-191, 2011. Disponível em:<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/poescrito/article/viewFile/14376/9703>> Acesso em: 06/06/2017.

FAGUNDES, José Evangelista. **A história local e seu lugar na história**: histórias ensinadas em Ceára-Mirim. Natal – RN, 2006. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Programa de Pós-Graduação em Educação.

FONSECA, Selva Guimarães. História local e fontes orais: ma reflexão sobre saberes e práticas de ensino de história. **História Oral**, v. 9, n. 1, p.125-141, jan.-jun. 2006. Disponível em: < <http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=193>> Acesso em: 27/07/2017.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **História oral**: um inventário das diferenças. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.); ABREU, Alzira Alves de e. *et al. Entre-vistas*: abordagens e usos da história oral. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1998.

GERMINARI, Geys D. O ensino de história local e a formação da consciência histórica de alunos do 6º ano do ensino fundamental: uma experiência com a uni-

dade temática investigativa. **XIV ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA 1964 – 2014: 50 anos do golpe militar no Brasil.** 7 a 10 de Out. de 2014. Disponível em: <<http://www.erh2014.pr.anpuh.org/anais/2014/335.pdf>> Acesso em: 8/06/2017.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.

JOUTARD, Philippe. Desafios à história oral do século XXI. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Maria Tania; ALBERTI, Verena. (Orgs.), **História oral: desafios para o século XXI.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, Casa Oswaldo Cruz, CPDOC, Fundação Getulio Vargas, 2000.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Campinas, São Paulo: Editora UNICAMP, 1990.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; RIBEIRO, Suzana L. Salgado. **Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades e famílias.** São Paulo: Contexto, 2011.

MATOS, Júlia Silveira. **Ensino de história, diversidade e livros didáticos: história, políticas e mercado editorial.** Rio Grande: Ed. Da Universidade Federal do Rio Grande, 2013.

NORONHA, Isabelle de Luna. Livro didático e ensino de história local no ensino fundamental. **Associação Nacional de História – ANPUH, XXIV Simpósio Nacional de História,** 2007.

OLIVEIRA, Eduardo Romero. Memória, história e patrimônio: perspectivas contemporâneas do pesquisa histórica. **Revista Fronteiras,** Dourados, MS: v. 12, nº 22, p. 131-151. jul./dez. 2010.

PEREIRA, Maria Aparecida Batista; BIANCHEZZI, Clarice. O Ensino de História nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental: desafios e possibilidades em uma escola municipal de Parintins/ Amazonas. **FRONTEIRAS Revista Catarinense de História,** ANPUH – seção SC, n. 25, 2015. Disponível em: <[http://www.anpuh-sc.org.br/revfront\\_25\\_sumario.htm](http://www.anpuh-sc.org.br/revfront_25_sumario.htm)> Acesso em: 15/05/2017

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica: teoria da história: fundamentos da ciência histórica.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

RÜSEN, Jörn. **Teoria da história: uma teoria da história como ciência.** Curitiba: Editora UFPR, 2015.

SILVA, Marcos Antônio da. FONSECA, Guimarães Selva. Ensino de História hoje; errâncias, conquistas e perdas. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v.31, nº 60, p.13-33, 2010. Disponível em: <[http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer\\_histedbr/jornada/jornada10/\\_files/VOvTHqqQ.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada10/_files/VOvTHqqQ.pdf)> Acesso em: 06/06/2017.

THOMSON, Alistair. Aos cinquenta anos: uma perspectiva internacional da história oral. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Maria Tania; ALBERTI, Verena. (Orgs.), **História oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, Casa Oswaldo Cruz, CPDOC, Fundação Getulio Vargas, 2000.